

Circular 2/71 do Bispo Diocesano sobre a Campanha da Fraternidade

Nova Iguaçu, 18 de janeiro de 1971

Meus prezados diocesanos,

A Campanha da Fraternidade, que será lançada mais uma vez em todas as dioceses do Brasil durante a Quaresma, deve abalar o nosso comodismo e abrir os nossos olhos para a realidade cristã: todos somos irmãos. Cada dia me parece mais evidente que é o espírito de família e o amor fraterno a dimensão cristã da caridade, o essencialmente novo que Jesus Cristo veio revelar.

1. Pai nosso

Quando Jesus Cristo ensina o modelo de oração perfeita, escolhe a palavra Pai para se dirigir a Deus: Pai nosso que estás no céu! Nem Deus — que é genérico demais — nem Criador ou Juiz ou Senhor nem um dos superlativos esperados, como sapientíssimo, bondosíssimo, poderosíssimo, nada disto: escolhe “Pai”, porque apesar de todos os pais infiéis, apesar de todos os pais imperfeitos, apesar de todas as possíveis deturpações da paternidade, sempre haverá no homem sensibilidade para o que é família e pai e mãe e irmão. O conceito Pai está presente inúmeras vezes na revelação de Jesus Cristo: leia-se o “sermão da montanha” por exemplo. E mais de 160 vezes o Novo Testamento emprega a palavra irmãos, para exprimir a novidade do amor evangélico.

“Vocês não são mais estranhos nem hóspedes, vocês são concidadãos dos santos e moradores da casa de Deus” (Ef 2,21). “Todos os que são influenciados pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus. Vocês não receberam o espírito de escravidão, para sucumbir de novo ao medo, vocês receberam sim o espírito de adoção em filhos e nesse espírito é que podemos gritar: Abba — Pai! O próprio Espírito dá testemunho conjuntamente com o nosso espírito de que somos filhos de Deus. Filhos, logo também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo” (Rom 8,14-17).

O que Paulo e também Pedro, Tiago e João em vários lugares exprimem sobre o relacionamento dos homens com Deus e dos homens entre si desenvolve apenas a mensagem fundamental do Filho de Deus: “Todos vocês são irmãos” (Mt 23,8). “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?” perguntou Jesus. E estendendo as mãos para os discípulos, acrescentou: “Aqui está minha mãe e meus irmãos. Quem faz a vontade de meu Pai que está no céu é meu irmão, irmã e mãe” (Mt 12,48-50). “Por que é que você vê o argueiro no olho de seu irmão e não vê a trave que está no seu? Como é que, com uma trave junto do olho,

você tem coragem de dizer a seu irmão: ‘deixe tirar o argueiro de seu olho’? Hipócrita: tire primeiro a trave do seu olho — e então verá como tirar o argueiro do olho de seu irmão!” (Mt 7,3-5).

Neste contexto ainda um pensamento: Jesus Cristo é o primogênito de todos os irmãos (cf. Rom 8,29), semelhante em tudo a nós, seus irmãos (cf. Heb 2,17). Quem ama o irmão fica na luz, não corre perigo de tropeçar (1 Jo 2,10). Quem peca contra o irmão, peca contra Cristo (1 Cor 8,12).

Será esta nossa realidade cristã? Será este o testemunho de nossa vida? Podemos falar de sociedade cristã, de civilização cristã quando olhamos para dentro de nós e para o pequeno mundo que nos cerca?

2. Campanha da Fraternidade

A Campanha da Fraternidade sublinha na Quaresma, — que é tempo de repensar e reformular o nosso cristianismo —, o que propriamente é esforço de evangelização o ano inteiro: somos irmãos. O esforço de marcarmos de amor fraterno as relações sociais pertence ao esforço global de libertação, com a graça de Jesus Cristo.

E’ importante frisar isto, porque muitas vezes se deturpa a Campanha da Fraternidade pelo acento exagerado que se dá à coleta. A coleta é apenas um aspecto prático e um exercício da fraternidade. Porque somos irmãos, ajudamos de vários modos inclusive financeiramente. Porque somos irmãos sentimos toda a miséria de nossos irmãos marginalizados e explorados. Porque somos irmãos participamos de todos os sofrimentos, mesmo que muitas vezes de mãos atadas nada possamos fazer senão dar essa participação da solidariedade. Porque somos irmãos sofremos com as vítimas da prepotência e do despotismo. Porque somos irmãos nos lamentamos a hipocrisia de certos cristãos que, colocados em postos de responsabilidade comunitária, ofuscam as inteligências com obras suntuárias e anestésias as consciências com favores e privilégios. Porque somos irmãos nos revoltamos contra aqueles que se apresentam como únicos donos da verdade e da justiça e do direito. Porque somos irmãos gritamos contra os exploradores da inexperiência e da inocência, da fraqueza e do amor. Porque somos irmãos sofremos com a impunidade jactanciosa dos corruptos e corruptores. Porque somos irmãos sentimos no fundo de nosso ser as deturpações da mensagem evangélica, as barreiras criadas entre as nações e as classes, as pressões dos fortes contra os fracos, os abusos de sexo,

do dinheiro e da força, as violências disfarçadas em autoridade, a insegurança das instituições democráticas sempre ameaçadas pelas ideologias de direita e esquerda, a corrida armamentista a pretexto de defesa nacional ou de prestígio patriótico. Quantas misérias que se opõem à fraternidade cristã. E afinal: porque somos irmãos, dói-nos a sorte de todos estes irmãos nossos que se fecham ao amor fraterno e à palavra de Deus, para explorar, profanar, violentar os seus irmãos. "A pessoa que diz que está na luz mas odeia o irmão, acha-se de fato na escuridão. Quem odeia o irmão está na escuridão, anda na escuridão, sem saber o rumo de seus passos. A escuridão cega os seus olhos" (1 Jo 2,9-11). "E' nisto que se conhece quem são os filhos de Deus e quem são os filhos do diabo. Todo aquele que não pratica a justiça não é de Deus, nem tampouco aquele que não ama seu irmão. De fato foi esta a mensagem que vocês ouviram desde o princípio: que nos amemos uns aos outros. Então não façamos como Caim, que era do Maligno e matou o irmão. Por que o matou? Porque as ações dele eram más e as do irmão eram justas. Não se admirem, irmãos, se o mundo odeia a vocês. Sabemos que fomos transferidos da morte para a vida, justamente pelo fato de amarmos nossos irmãos. Quem não ama, permanece na morte. Quem odeia o irmão é assassino. E vocês sabem que nenhum assassino tem a vida permanentemente em si" (1 Jo 3,10-15).

A Campanha da Fraternidade é portanto muito mais do que a coleta. A ajuda financeira será sincera, generosa e abundante se estivermos convencidos da mensagem evangélica de amor fraterno. O principal portanto é nossa conversão interior, nossa mudança de mentalidade, nossa maior integração na koinonia do Pai simultaneamente com a nossa integração na koinonia dos irmãos — "Temos de Deus este mandamento: a pessoa que ama a

Deus deve amar também o seu irmão" (1 Jo 4,21) —, é a presença de Cristo/Igreja através de cada um de nós em seu campo específico de ação. Pensando bem, temos sempre diante de nós um mundo inacabado, imaturo, imperfeito que nos cabe, em nosso setor existencial de vida, de trabalho profissional, de tarefa, acabar, amadurecer e aperfeiçoar. Deus confia em nós. O principal é despertarmos para a fraternidade cristã, é abriremos nosso coração para os valores da família de Deus, é aproximarmos-nos de nossos irmãos com a decisão sincera de servir. O principal é a vontade firme de construirmos um mundo melhor, de mais justiça, de mais verdade, de mais amor, no âmbito de nossa influência pessoal, pouco significando se somos bispo ou médico, carregador ou padre, engenheiro ou lavrador, manequim ou advogado, jornalista ou lavadeira, motorista ou enfermeiro, cantor ou artista... O que vale é que a porção de mundo inacabada e imperfeita que o Pai me entrega, se torne mais humana e mais fraternal!

*

Pouco importa a situação do mundo, do Brasil, da Baixada Fluminense: em qualquer situação nossa tarefa, nossa missão é pregar os valores do reino ainda que seja no deserto; é anunciar o mistério da esperança ainda que seja contra toda a esperança; é semear otimismo ainda que seja apenas a frustrados e derrotados. Porque em todo esforço cristão, se há de uma parte o mistério da iniquidade desafiando nosso cristianismo, há de outra parte, excessivamente mais abundante e dinâmico, o mistério da libertação que Jesus Cristo nos traz como resposta e solução.

São pensamentos, meus caros diocesanos, que me ocupam e desejo sirvam também para sua reflexão. Na caridade de Jesus Cristo nosso irmão, seu irmão bispo

† Adriano.

Cúria Diocesana de Nova Iguaçu

Comunicado 1/71: Recesso do Conselho Pastoral

Nos últimos 3 anos fizemos a experiência do Conselho Pastoral, como vem delineado em documentos oficiais (CD 27,5 e ES 16). Alguns padres, algumas religiosas e vários leigos reuniam-se mensalmente com o bispo diocesano para um esforço de conscientização, reflexão e assessoria.

Desde o início prevíamos algumas dificuldades, por exemplo, como escolher os representantes do laicato? como dar sentido às atividades? como coordenar o Conselho Pastoral com outros órgãos de cúpula, em primeiro lugar com o Conselho Presbiteral? A convicção de que os leigos têm o direito e o dever de participar na vida da diocese fez-nos tentar a implantação do Conselho Pastoral apesar de todas as dificuldades, tanto mais que uma instituição inédita na vida da Igreja precisa de experimentação concreta para se consolidar e desenvolver. Os padres e as religiosas do Conselho Pastoral foram eleitos pelo respectivo corpo eleitoral: presbíteros e religiosas; os leigos, à falta de comunidades vivas, foram indicadas pelos coordenadores das regiões e nomeados pelo bispo diocesano, sendo assim representantes muito relativos do laicato.

Mais difícil ainda foi o problema do conteúdo: que papel tem o Conselho Pastoral na vida da Igreja e mais particularmente na diocese?

Os documentos oficiais descrevem assim a tarefa do Conselho Pastoral:

- pesquisar/estudar/examinar os assuntos que se relacionam com as obras/atividades pastorais (CD 27, 5; ES 16 § 1;
- tirar/propor conclusões com vistas a promover a conformidade de viver e agir do povo de Deus com o evangelho (CD 25, 5; ES 16 § 1).

Parece pouco, num tempo de corresponsabilidade comunitária. Parece pouco, se medidas essas tarefas; que poderíamos chamar talvez de periféricas, com o espírito do Vaticano II. Parece pouco, se entendermos a pastoral no seu sentido integral, como esforço de Igreja para fazer Cristo e a mensagem de salvação presentes em nossa geração.

Não apenas parece pouco: é pouco de fato. Durante 3 anos fizemos um esforço sincero para realizar o Vaticano II também nesse ponto do Conselho Pastoral. Houve conscientização de um bom grupo de leigos. Houve reflexão séria sobre as funções do Conselho Pastoral na Igreja de hoje e da Baixada Flumi-

nense. Houve abertura, discussão e pesquisa. O esforço apressou muito a participação do laicato na vida da diocese, a formação de agentes de pastoral; mostrou a necessidade de constituirmos quanto antes comunidades de base, conselhos pastorais nas comunidades, paróquias e regiões; aproximou padres, religiosas e leigos entre si e com o bispo diocesano, num clima de fraternidade evangélica; mostrou a bom número de leigos conscientizados problemas básicos da pastoral integral e da diocese. A experiência apresentou numerosos pontos positivos. Valeu a pena.

E no entanto, se olharmos o que deveria ser próprio e específico do Conselho Pastoral, verificamos que o alvo só poderá ser atingido se o Conselho Pastoral for colocado noutras bases.

Sem querermos ser taxativos, porque uma experiência é apenas uma experiência e pode ser que nossa maneira foi defeituosa desde a raiz, parece-nos que um Conselho Pastoral que se ocupa somente com examinar, pesquisar, estudar atividades pastorais para propor conclusões práticas, sem apresentar igualdade funcional de todos os seus membros, sem atuação no sentido da pastoral integral, sem representatividade real das comunidades, está condenado ao fracasso: ou permanece num plano de mero formalismo, com sacrifício da vocação eclesial de seus membros, ou cria tensões no relacionamento com os outros órgãos de cúpula ou empobrece a pastoral e a responsabilidade dos membros. Deveria ser pacífico que os assuntos pastorais — no sentido da pastoral integral que abrange tanto a liturgia, o ministério da palavra, as obras de promoção e assistência quanto as infra-estruturas e serviços, também a administração; que abrange todas as etapas do processo salvífico — interessam toda a Igreja, hierarquia e laicato, mesmo respeitando, como é também evidente, a diversidade dos ministérios. Cabe à Igreja toda a corresponsabilidade nos diversos aspectos da vida eclesial.

Daí por que, juntando à reflexão teológica a experiência de um triênio, pareceu aos membros do Conselho Pastoral, inclusive e sobretudo ao bispo diocesano, impossível manter o Conselho e assumir suas responsabilidades de Igreja integralmente, se continuar sendo apenas um grupo de reflexão e de assessoria. Daí também por que na última reunião de 1970 os membros do Conselho Pastoral acharam conveniente suspender a sua atuação e entrar em recesso até que seja viável. Não pensamos em suprimi-lo. Estamos convictos de sua importância essencial para a Igreja. Aguardamos apenas a oportunidade feliz de realizá-lo de maneira que corresponda ao espírito do Vaticano II e à própria essência da Igreja.

Catedral, 18 de janeiro de 1971

† Adriano, bispo diocesano

Mons. Arthur Hartmann, vigário geral

P. João de Nijs, MSC, coord. de pastoral.

Comunicado 2/71: Contribuições das paróquias

Na reunião mensal do clero de janeiro comunicou-se aos padres presentes o resultado de estudos, reflexão, consultas anteriores a respeito das contribuições financeiras que, a partir do espírito de família, competem a cada uma de nossas paróquias.

As paróquias foram divididas em 5 grupos, de acordo com o movimento financeiro dos anos passados. Procurou-se um nível aceitável, sem que se desconheça o sacrifício real que várias

delas fazem para saldar seus compromissos. Sabemos com certeza que o espírito de família, indispensável à diocese que queira ser sinal do reino de Deus, exige de todos nós sacrifícios e renúncia contínuas. O dinheiro que os nossos padres recolhem pode ser tudo: nunca é um dinheiro fácil. De modo que estamos certos também de que essas contribuições mensais que vão substituir as taxas anteriores, significam para quase todas as paróquias um verdadeiro sacrifício.

Não podemos resumir aqui os argumentos e motivos que falam a favor dessa colaboração financeira. Durante 4 anos tratamos do assunto à saciedade. A situação financeira da diocese é conhecida. A diocese é pobre. Somente aos poucos vamos consolidando as finanças. Sempre ciosa de permanecer pobre, espera dispor de recursos mínimos para criar/manter os serviços, para formar/manter os agentes de pastoral. Mesmo que uma diocese fosse rica, seria impossível dentro do conceito de família e comunidade cristãs, interceptar por qualquer motivo o fluxo de dar e receber entre os que se amam. A diocese deve estar em condições de servir as paróquias, de ajudá-las em qualquer emergência, deve acompanhar as necessidades da pastoral com serviços e pessoal adequados.

Outra vantagem que se apresentou agora: a maneira mais prática de recolher as contribuições. As fichas são mais claras, com separação nítida dos diversos itens. Cobradores oficiais. Data fixa de pagamento à escolha (entre 1 e 15 do mês). Talão de recibos. Cobrança à parte do IPREC/SAMAR.

O que nos deve orientar no ponto das finanças não é ter ou não ter dinheiro, mas respondermos melhor ao desafio da nossa área-problema. Como cristãos temos de preservar nossa liberdade de filhos de Deus, também perante o dinheiro. Não o desprezamos como anti-evangélico, pois está inserido no contexto da vida moderna como útil e indispensável. Não o consideramos tabu, pois não existe tabu no cristianismo. Mas a ele também não nos escravizamos. Para nós só pode existir dinheiro honesto e limpo: na fonte, na administração, na aplicação e na prestação de contas.

Esperamos que as deficiências dos anos passados — contribuições irregulares, impontuais, falhas, causando transtorno aos compromissos da cúria —, que eram mais de técnica que de má vontade ou falta de colaboração, sejam corrigidas em 1971 e que a diocese, com o esforço de todos, esteja apta a saldar seus compromissos, a melhorar suas infra-estruturas, a servir melhor.

Catedral, 18 de janeiro de 1971

† Adriano, bispo diocesano

Mons. Arthur Hartmann, vigário geral

P. João de Nijs, MSC, coord. de pastoral.

Notícias

• Sofre um enfarte o P. José Beste, pároco de Belford-Roxo-Conceição, que foi imediatamente internado no Hospital Sousa Aguiar (Rio) (18-12).

• Reunião do Conselho Pastoral, sob a presidência do bispo diocesano. Resolve-se então por maioria de votos encerrar provisoriamente as atividades do Conselho Pastoral (19-12).

• O bispo diocesano celebra o Natal com as famílias de cursilistas e parodistas, com

excelente participação de todos. Faz-se então a inauguração do salão dos jovens recentemente modificado para melhor (19-12).

- Exposição organizada pelo Clube das Mães de Mesquita, iniciativa do MIC (20-12).

- E' operado o P. Ângelo Maritano, vigário de Heliópolis (Santa Casa de Misericórdia, Rio) (21-12).

- Bodas de prata sacerdotais de D. Walmor Battu Wichrowski, em Ijuí (RS). A diocese associa-se às alegrias do seu primeiro bispo. O bispo diocesano celebrou a S. Missa de ação de graças na Catedral (23-12).

- Deixam a diocese de Nova Iguaçu para trabalharem em Volta Redonda o P. Fernando Vandenabeele, CICM e o P. Heitor Watté, CICM. Acompanha-os a gratidão de todos que os conheceram (23-12).

- Missa da meia-noite celebrada pelo bispo diocesano, com grande concurso de fiéis (25-12).

- O bispo diocesano celebra a S. Missa num terreno que o P. Aurelino está adquirindo num bairro de Nova Mesquita, para futura casa de comunidade (27-12).

- Em gozo de férias viaja para o Rio Grande do Sul o vigário geral Mons. Arthur Hartmann (27-12).

- Falece na Bahia a Dra. Suzette Mandarinino Hypolito, irmã do bispo diocesano que é chamado urgentemente e ainda pôde participar do entêrro. Faleceu piedosamente depois de longo sofrimento suportado com paciência e alegria cristã (30 e 31-12).

- Volta da Bahia o bispo diocesano (1-1-71).

- Visita o bispo diocesano e a diocese de Nova Iguaçu um grupo de leigos alemães sob a direção de Fr. Beda Vickermann, OFM, que querem ajudar o nosso esforço pastoral. Percorreram a diocese e conheceram alguns movimentos/instituições diocesanos (3/6-1).

- Reunião mensal do clero. Palestra sôbre o espírito de família que deve reinar no presbitério. Assistiram à reunião os alemães que visitam a diocese (5-1).

- Missa de sétimo dia celebrada pelo bispo diocesano, na Catedral, por alma de sua irmã, com participação de confrades e de muitos leigos (4-1).

- Paradão (Nosso Lar) para aprofundamento e renovação dos cursilhistas jovens de nossa diocese. Tomaram parte uns 70 rapazes e mógicas (9/10-1).

- O bispo diocesano celebra a S. Missa para os membros da Liga Jesus Maria José de São João de Meriti; depois participa do café e da reunião festiva (10-1).

- E' internado, gravemente doente, no Hospital Sousa Aguiar, o P. Carlos Franck, pároco de Mesquita (10-1).

- Reunião do Conselho Presbiteral, em Moquetá (12-1).

- Encerramento dêste número: 18 de janeiro de 1971. Enderêço do BD: Cúria Diocesana — Cx. Postal 22 — Nova Iguaçu, RJ.

CALENDÁRIO PASTORAL

MARÇO/1971

| | | |
|-------|---------|---|
| 01 | r(20 h) | CAdm/Cúria |
| 02 | r(09 h) | mensal do clero/Moquetá |
| 02 | r(14 h) | CPresb/Moquetá |
| 04/07 | 12º | Cursilho de Cristandade para homens/Nosso Lar |
| 05 | r(15 h) | CODIR/Cúria |
| 09 | r(09 h) | CODIMHI/Moquetá |
| 09/12 | (19 h) | 3º curso de dinâmica de grupo/CPresb. e suplentes/Moquetá |
| 14 | (08 h) | Ultreya 2/Moquetá |
| 16 | r(09 h) | CODIMHI/Moquetá |
| 19/21 | r(14 h) | mensal das religiosas/IESA |
| 23 | r(09 h) | CODIMHI/Moquetá |
| 24 | r(9,30) | CPresb/Moquetá |
| 26/28 | 6ª | Parada Jovem/Nosso Lar |

CALENDÁRIO SOCIAL

MARÇO/71

n = nascimento; o = ordenação; v = votos

| | | |
|----|---------|--|
| 03 | v(1957) | Paula van Clooster/S. Maria |
| | v(1957) | M. Teresa Batista/ENSM,SJM |
| | v(1963) | Myriam Rousseau/S. Maria |
| 04 | n(1925) | A. Maria Auxiliadora de Carvalho/Dr. Eiras,P |
| | v(1957) | M. Bernarda Rid/ENSM,SJM |
| 06 | n(1916) | M. Alcântara Schrode/IESA,NI |
| 09 | o(1941) | Joaquim Mário Pelonzi, pEden |
| 10 | o(1946) | José do Carmo Marques: 25 anos de sacerdócio |
| 14 | v(1943) | Nair da S. Damasceno/Hosp.NI |
| 15 | v(1926) | Argentina Cavalcanti/Hosp.M |
| | n(1932) | Paula van Clooster/S.Maria |
| | n(1937) | Dominica Delancker/S.Maria |
| 19 | v(1941) | Jovelina de P. Martins/C.Grande |
| 20 | v(1960) | Dominica Delancker/S.Maria |
| 22 | o(1947) | José Fernandes Coujil, pQueimados-Fátima |
| 23 | o(1958) | Guilherme Steenhower,S S C C, v Parque Flora |
| 25 | n(1904) | Elfrieda Blum/IESA,NI |
| | v(1950) | Suzana Morais/Hosp.SJM |
| 26 | (1960) | Criação da D-NI/11º aniv. |
| | n(1906) | Lauro de Souza Fraga/cNI-Catedral |
| | n(1941) | M. Rosa Wiggers/ENSM,SJM |
| 31 | n(1940) | Myriam Rousseau/S.Maria |